

Texto redigido por Rita Celestina ^{no} Tispat
Lalda

Isaltina Goulart de Azevedo

No dia 19 de julho de 1933, teve lugar a inauguração da Escola de Enfermagem Carlos Chagas, numa das salas do andar inferior do Hospital de São Vicente de Paulo. Compareceram a esta reunião os representantes do Presidente do Estado e Secretário de Educação, Dr. Ernani Agrícola, então diretor da Saúde Pública, Dr. Antonio Aleixo, diretor da Faculdade de Medicina, a Superiora do Hospital São Vicente e a Sr^a D. Laís Neto dos Reis, além de grande número de convidados. Nesta reunião fizeram uso da palavra os senhores Dr. Antonio Aleixo e Dr. Ernani Agrícola. Foram estes, juntamente com D. Laís Neto dos Reis, os fundadores de nossa Escola pelo que merecem o nosso respeito e a nossa admiração. Esta notícia, busquei-a num álbum, onde os recortes de jornais formavam um pequeno histórico da fundação da Escola Carlos Chagas.

A cerimônia de inauguração parece e deve ter se revestido de uma grande simplicidade. Naturalmente que dentro da sala de um hospital não comportaria o aparato e o esplendor das grandes festividades! Portanto, não se ouviu com certeza rufar de tambores, nem clarins, nem música e creio que até mesmo nem flores. Devia haver ali na proximidade das enfermarias a moderação das palavras, a discrição, a bondade e o respeito pela dor alheia. O que deve ter sido intensa nessa reunião era a chama do ideal que iluminava aquelas criaturas, levando-as a criar, no Estado de Minas, a primeira escola de enfermagem no Brasil, fora de sua capital. Esta chama do ideal de construir algo de grande e de sublime teve naturalmente a benção e a ajuda de Deus.

E assim, com a abnegação de um punhado de criaturas fortes e valorosas, começou a funcionar a escola cujo objetivo era o de formar enfermeiras, isto é, criaturas que com conhecimentos técnicos exatos e uma bela formação moral, pudessem atender as necessidades dos serviços de Saúde Pública e assistência hospitalar, dedicando-se dessa maneira a nobre e elevada causa que é a de "servir".

Como é conhecido de todos, a Escola Carlos Chagas teve como primeira diretora D. Laís Neto dos Reis, cujo valor intelectual e moral são de moldes a servir de exemplo a todos os que a conheceram. Aqui esteve durante 6 anos, fazendo viver a enfermagem no coração de suas discípulas, e lutando contra os terríveis obstáculos que inevitavelmente surgem ante todas as grandes realizações. Daqui se retirou para dirigir, a convite do governo federal, a Escola Ana Neri, onde até hoje peleja, fazendo crescer cada dia o seu nome como exemplo de virtudes cristãs.

Foram continuadoras de D. Laís em nossa Escola, como também é sabido de todos, D. Waleska Paixão e D. Rosa de Lima Moreira. Para com estas, vai muito alta a nossa dívida de gratidão pelas tremendas lutas que enfrentaram em todos os setores para sustentar durante tantos anos e com tão poucos recursos a escola cujo aniversário comemoramos.

Waleska Paixão é um desses espíritos raros e valorosos, dona de uma grande inteligência, de um caráter enérgico e forte, incansável na luta pelo seu ideal, foi durante 9 anos o esteio desta escola. Sérios motivos levam-na a demitir-se do cargo para continuar o seu trabalho na Escola Ana Neri da Capital da República. Foi com sua saída que D. Rosa de Lima Moreira enfrentou o mais difícil período que se registrou no passado desta escola. Aos fatos, às dificuldades, às complicadíssimas

situações desse período, não preciso fazer a menor referência. Eles são recentes demais para serem lembrados.

Não poderia deixar de mencionar aqui D. Primavera Colaço Veras grande colaboradora de D. Waleska Paixão e D. Georgina Otoni Chagas que desde a criação do internato de nossa escola, tem se mantido firme e corajosa no seu posto de ecônoma, distribuindo ainda as suas atividades em diversos setores colaborando eficazmente com a diretoria.

E também seria imperdoável esquecer os nomes de nossas queridas instrutoras, algumas já ausentes, outras ainda fortes e resolutas, aqui presentes, esforçadas, corajosas, enérgicas e amigas. D. Madalena Corrêa, D. Maria do Rosário, D. Célia Sette Torres, D. Inês, D. Ruth Moreira e a lista iria muito longe.

Eu poderia citar muitas outras criaturas abnegadas, dedicadíssimas que não pouparam as suas forças para trazer até aos nossos dias a Escola que hoje completa 16 anos de existência.

Assim, caras enfermeiras, o passado desta escola registra fatos que devem estar presentes em nossa lembrança para não deixar esmorecer o nosso ânimo na luta que ora empreendemos.

Foi a Escola Carlos Chagas que teve a honra de diplomar as primeiras religiosas no Brasil. Essas religiosas pertenciam à Congregação de São Vicente de Paulo. E hoje temos a grande satisfação de estar a nossa escola sob a direção de uma Irmã de São Vicente. Como bem se referiu ao fato um dos oradores no dia da inauguração da Escola Carlos Chagas, foi surpreendente o fato de ter-se dado essa inauguração no dia de São Vicente de Paulo e no hospital desse mesmo nome.

Agora, em homenagem à nossa atual e já tão querida diretora Irmã Margarida, quero me transportar a alguns séculos atrás para me referir a algumas passagens da vida gloriosa de São Vicente de Paulo, o pai da caridade.

Até há bem pouco tempo, confesso isso com pesar, eu ignorava quase inteiramente quem fosse São Vicente de Paulo. Sabia apenas que ele era um dos grandes santos da Igreja Católica e essa idéia vaga, lá estava perdida no borburinho do pensamento, bem longe das minhas cogitações.

Certo dia, quase vencida pelo desalento e disposta até mesmo a retroceder no caminho da enfermagem, abri o coração a uma amiga e ela em resposta me aconselhou a ir ver a vida de São Vicente de Paulo que levavam em um cinema. Fui e lá encontrei o remédio para o meu desalento. Saí de lá com a alma ressuscitada pelas poucas passagens que o cinema conseguiu reproduzir da vida do grande Santo. Por essa razão, achei bastante indicado para o dia de hoje alguns dados biográficos de São Vicente de Paulo. Eu digo dados biográficos, porque, segundo um biógrafo do nosso grande apóstolo, há nomes que só por si dizem mais que todos os comentários. Louvá-los é minorar a impressão que eles causam. O nome de São Vicente é um desses. Basta proferí-lo para que todos, crentes ou incrédulos, se inclinem com admiração e reverência, como sendo o nome de alguém, que foi um dos maiores benfeitores da humanidade, um dos mais admiráveis exemplos do que a graça de Cristo pôde produzir em um coração dócil e numa alma afetuosa. Na expressão de Bossuet, as coisas falam por si mesmas, e na realidade a sua voz é mais poderosa do que a de todos os discursos, por muito eloqüentes que sejam.

Nasceu, pois São Vicente de Paulo, durante as guerras de religião a 24 de abril de 1580, em uma aldeia perto de Dax. Filho de camponeses, teve uma

existência humilde. Foi pastor e já nessa época demonstrava a sua inclinação para socorrer os miseráveis. Não obstante a pobreza de seus pais, conseguiu estudar e receber o sacerdócio em 1600, com 20 anos de idade. Prisioneiro, vendido diversas vezes como escravo, trabalhou na lavoura sob o ardente sol da África. Humilde e resignado, trabalhava e muitas vezes cantava hinos à Virgem Santíssima. E fato curioso: com a sua grande humildade convertia sempre os que o rodeavam. Realizou depois de sacerdote, três empresas importantíssimas em prol da salvação das almas e a reforma dos costumes. A primeira foi a obra das missões nos campos, fundada a 25 de janeiro de 1617. A segunda empresa foi a Confraria da Caridade fundada também em 1617. Enfim, São Vicente de Paulo criou uma terceira obra, inaudita no seu tempo: a catequese dos criminosos, condenados à galés, degradados pelos próprios crimes e pela sociedade. O santo, a custa de paciência e bondade conseguiu irradiar esperança entre esses infelizes, furiosos e desesperados: pensava-lhes as feridas, advogava-lhes as causas, livrava-os das pancadas, numa palavra, amenisava-lhes a sorte.

Assim foi que São Vicente de Paulo começou a providencial vocação de aliviar como o bom samaritano, as misérias do próximo. Esta é uma pequena etapa de sua trajetória de caridade; dentro em pouco, foi-lhe confiada em França a direção geral de todas as obras de Caridade. Depois seu zelo já não conheceu mais limites, nem fronteiras, nem obstáculos e penetrou por toda parte onde havia órfãos a socorrer ignorantes a instruir, aflitos a consolar e pecadores a converter. Humilde ao extremo, nunca atribuiu a si mesmo nenhuma de suas grandes realizações. Dizia às Irmãs de Caridade em uma conferência. Só Deus é o fundador de vossa Companhia. Nós nunca tivemos intenção formal de a fundar. Quem ousaria pensar que um dia houvesse irmãs de caridade, quando as primeiras camponesas vieram servir os pobres nas paróquias de Paris? Oh! Minhas filhas, não pensava eu nisto. Só Deus, portanto, pensava em vós. O Deus, pois, devemos chamar autor de vossa companhia, porque verdadeiramente não podemos encontrar outro. São Vicente foi esse gênio gigantesco, psicólogo profundo ao coração feminino que compreendeu quanto pode a mulher forte, que teme a Deus.

Não compreendia ele porque devia viver fechada dentro de grades a mulher piedosa, quando os pobres gemem por falta de mãos caritativas que os tratem, o que só as mulheres sabem fazer.

Esta grandiosa empresa teve, porém, um começo humilde, como convém às obras de Deus.

No filme que vi sobre a vida do grande apóstolo da caridade, entre as muitas cenas que me tocaram profundamente o coração, houve uma que jamais se apagará de minha lembrança.

São Vicente toma nos braços uma criancinha rejeitada, filho ilegítimo e pede o apoio das senhoras da alta nobreza que ao lado dele se iniciavam na prática da caridade. Mas todas abaixaram os olhos num gesto negativo ao apelo daquele coração para o inocente menino que ele apresentava à compaixão daquela sociedade ali reunida. E na solidão daquele deserto de afeições ele insiste: minhas filhas, peço-vos apenas um olhar de aprovação, de apoio, de piedade. Mas todos os olhares continuaram fitos no chão. E ele, o pai dos pobres, dos aflitos, dos abandonados, não esmoreceu ante aquela negação de bondade para os inocentes, para os infelizes. E

por isto mesmo foi que ele conseguiu que a sua gigantesca obra que é a Congregação das Vicentinas atravessasse três séculos para chegar até nós.

2º texto - tem 2 "fragmentos" deste texto

Disse um filósofo que a alegria mais alta da vida consiste em dedicar-se a alguma coisa nobre, a alguma idéia, a algum empreendimento que transcenda o êxito pessoal; algo maior que a própria vida, algo que vá além do mero existir.

O pensamento acima traduz bem o que estou sentindo agora. Sim, esta Escola foi sempre maior do que eu e o grande amor de minha vida. Acho que me dediquei a esta Escola, que dei alguma contribuição para que ela encontrasse o caminho para o seu desenvolvimento, para que ela pudesse atingir seus objetivos na formação de pessoal para a área de saúde, neste país de tanta carência em todos os sentidos.

Sei que uma escola não é constituída apenas por paredes de pedra e cal, mas por cérebros que pensam, pela determinação de vontades que transformam o pensamento em ação, pelo amor com que se devota a uma causa, por parte daqueles que fizeram uma escolha acertada na vida.

Esta escola sobreviveu a muitos vendavais porque havia aqui um grupo de professores, funcionários e alunos que tinham amor a ela, confiaram em seu futuro e que acreditavam na Justiça Divina.

Posso afirmar que havia mesmo um grande heroísmo em algumas professoras e funcionários no cumprimento de suas obrigações. E os alunos puderam confiar em nós.

Se a minha participação nessas lutas pode merecer a honra desse Título que estão me conferindo, não creio ter feito outra coisa senão cumprir aqui os meus deveres. O que fiz foi pelo hábito do trabalho; hábito que trouxe da educação que recebi, pelos princípios de moral e de decência que se gravaram no meu espírito desde a adolescência.

O meu trabalho foi sempre uma festa para mim, que me trazia a alegria de sentir que estava cooperando para a solução dos graves problemas de saúde do nosso povo e que estava abrindo novos caminhos para a mocidade que passava por esta casa.

Tive a felicidade de conviver com pessoas de todas as camadas sociais, e, de todos, aprendi muito. Desde os professores altamente intelectualizados, em muitas áreas de conhecimento, até o paciente mais humilde: todos me ensinaram a viver, a sofrer e encheram de luzes, de claridades, o meu espírito.

O desenvolvimento e o crescimento desta Escola foram devidos a um grupo corajoso, com uma visão muito ampla dos problemas de saúde e que recebeu grande colaboração dos professores da Faculdade de Medicina, do Instituto de Ciências Biológicas e de outras Unidades Universitárias, tanto para a formação do nosso corpo docente como de todos os profissionais que se diplomaram por esta Escola.

Meus caros amigos,

Recebo este Título sabendo que ele representa o gesto de nobreza, de bondade de vossos corações, da amizade que se construiu em cada dia de nossa convivência

nesta casa, no meio de todas as pelejas; não me move, entretanto, o menor sentimento de vaidade.

Se desejei alguma recompensa, por ter participado dessas lutas, foi a de ver a Escola como ela está hoje, com grande número de professores, de funcionários, de alunos, com equipamentos que tornem as aulas mais atrativas para nossos alunos, cujo número cresce dia a dia e todas as facilidades de que não dispúnhamos no passado; vejo grande número de professores com cursos de pós-graduação, realizando sua carreira universitária, podendo já o nosso corpo docente iniciar também aqui, cursos de pós-graduação.

Se pudesse ainda reforçar um pouco e estimular um trabalho já iniciado nesta Escola, seria a sua participação mais efetiva nos programas de "CUIDADOS PRIMÁRIOS DE SAÚDE".

Em seu livro, SAÚDE, UMA ESTRATÉGIA DE MUDANÇA, o Prof. Mário Chaves, como sabemos, afirma que estes programas se transformaram em um corpo de doutrina no final da década de 70, durante a Reunião que teve lugar em Alma-Ata, na União Soviética, em setembro de 1978, sob a liderança da Organização Mundial de Saúde e da UNICEF.

Esses programas, como também sabemos, têm as seguintes características: "Refletem as condições sociais, econômicas e resultam delas; são baseados em resultados de pesquisas sociais, biomédicas e de serviços de saúde; são dirigidos aos principais problemas de saúde da comunidade, visando à promoção da saúde, prevenção da doença, cura e reabilitação; envolvem setores como os da Educação, Agricultura, Habitação, Alimentação, Indústria, Transportes, Comunicações; requerem participação do indivíduo e da comunidade; são apoiados por sistemas de referência aos demais níveis do sistema de saúde de vários níveis, abrangendo profissionais, auxiliares e mesmo pessoal empírico, trabalhando em equipe".

"Quanto ao conteúdo, os cuidados primários de saúde incluem, como mínimo: a educação sobre a prevenção e o controle dos problemas de saúde, a promoção da nutrição adequada, o atendimento das necessidades de água e saneamento, os cuidados de saúde Materno-Infantil, incluindo o planejamento familiar, as imunizações, a prevenção e o controle das grandes endemias, o tratamento apropriado das doenças mais comuns, a promoção da saúde mental e a provisão de medicamentos essenciais".

"Para a implementação dos programas de cuidados primários de saúde se requerem esforços articulados dos governos, das universidades e institutos de pesquisa, dos indivíduos e a colaboração de organizações internacionais".

Citei isto apenas para lembrar que este é o trabalho mais fascinante que um profissional de saúde ou de áreas correlatas poderia investir, pelo menos parte dos seus recursos morais e intelectuais, para ajudar este país "QUE É DE VENDER", este país doente, humilhado e esfacelado em sua dignidade.

Há mais de dois anos tive a felicidade de participar de um encontro do Internado Rural da Faculdade de Medicina - Professores, Coordenadores, Supervisores, Residentes e Alunos -, e vi perfeita integração de todo o pessoal universitário com o povo das diversas áreas de atuação do trabalho que vem sendo realizado. Gente da Universidade debruçada sobre os problemas daquela gente -, povo sofrido, vivendo e lutando em tremendo estado de carência.

Se eu ainda tivesse dez vidas, jogaria todas em um trabalho de tão alta significação e tão gratificante em sua essência, para os que dele participam.

Estando aposentada não me desliguei das atividades da Escola e o título que hoje recebo me faz continuar comprometida com esta Instituição. Sinto uma grande alegria em poder estar aqui, acompanhando as inovações trazidas pela juventude de professores, alunos e funcionários que levam a Escola a tomar consciência e a participar dos problemas sociais que afetam este país, numa atitude corajosa de quem não teme desafios.

A Escola começa assim, a expandir suas atividades, tanto da periferia da grande Belo Horizonte, quanto na zona rural, demonstrando sua capacidade de comprometer-se com a dura realidade da saúde de nosso povo desassistido.

Tudo o que peço a Deus é que Ele me utilize até o meu último momento, para colaborar na solução de qualquer problema que esteja ao meu alcance. Que Ele me use tudo o que me deu e de que não me posso vangloriar, como disse São Paulo: "O que tu tens que não recebeste? - Se tudo o que tens tu recebeste, por que te vanglorias?". Que Ele atravesse, então, no meu caminho os mais humildes e os mais abandonados, para que eu possa sentir o significado da vida que me foi dada: o de servir aos meus irmãos.

MEUS CAROS AMIGOS.

Relembrando o passado desta Escola, pensando em todas as pessoas que aqui consumiram suas vidas, professores e funcionários, nos antigos alunos que acreditaram em nós e, contemplando essa juventude corajosa e destemida que se lança na empresa de uma vida que desafia todos os valores morais e intelectuais para transformar a dura realidade brasileira, eu diria, como poeta e filósofo AMIEL:

"Meu credo se refaz.

Creio nas instituições fundamentais do gênero humano e nas afirmações dos inspirados de todos os tempos.

Creio no dever e na consciência moral.

Creio na coragem, na abnegação e na honra.

Creio na beleza, no amor, no perdão e na santidade.

Creio que a verdade mais autêntica seja aquela que faz o harmoniosamente bom, justo, sábio e feliz.

Creio no valor da prece e na justiça de Deus".

Creio em todos os meus amigos aqui presentes.

Creio na sinceridade, na nobreza, na grandeza e no amor que puzestes no vosso gesto ao me conferir este título.

QUE JESUS, O MESTRE DOS MESTRES, NOS ABENÇOE, NOS AMPARE E NOS PROTEJA - HOJE E SEMPRE.